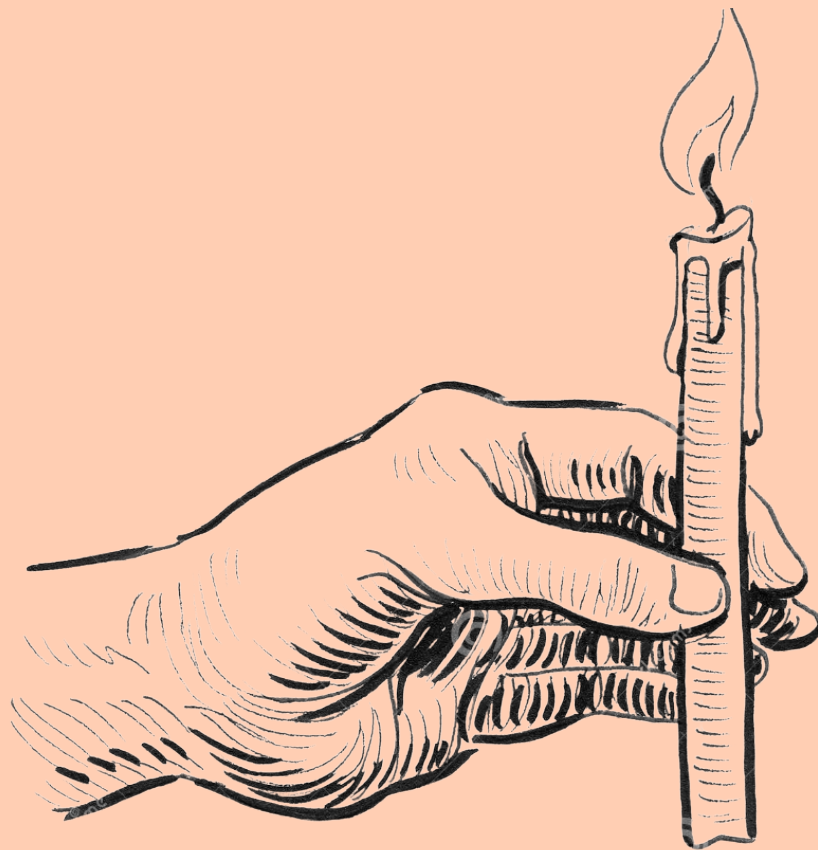




UBIRATAN TEIXEIRA

SELEÇÃO DE CONTOS

Vela ao crucificado

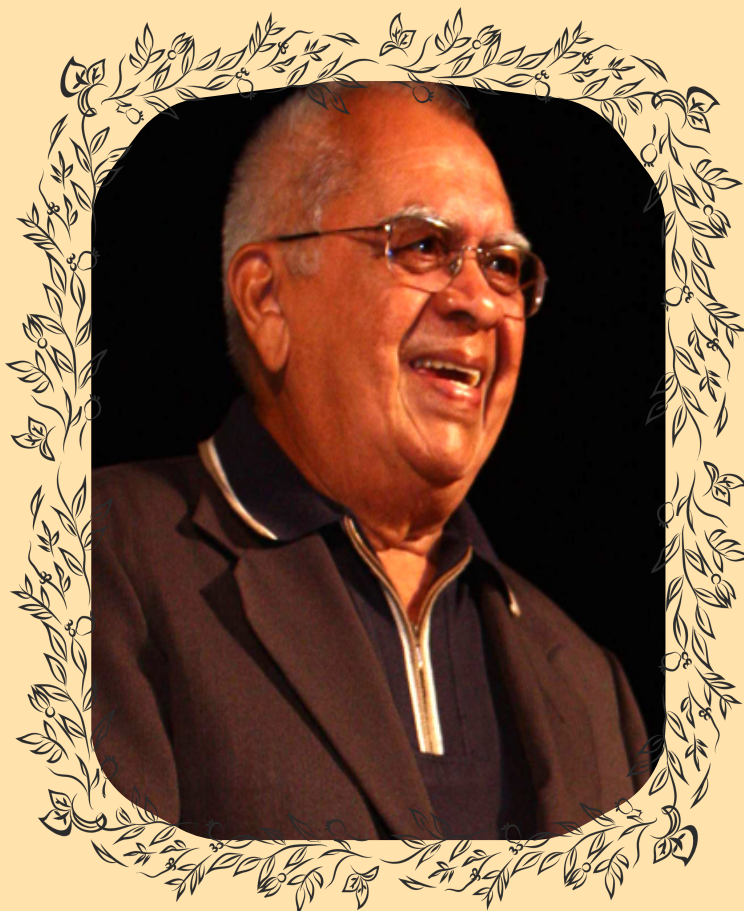


SELEÇÃO GELMA

Ubiratan

Teixeira

(São Luís, MA, 14.10.1931 – São Luís, MA, 15.06.2014)



"Ubiratan Teixeira foi um dos intelectuais maranhense mais ativo nos movimentos culturais e artísticos de São Luís. Nas décadas de 1950/60 participou da SCAM - Sociedade de Cultura Artística do Maranhão, do Centro Cultural Graça Aranha, fundou grupos de teatro e ministrou cursos de corpo, voz e história do teatro. Trabalhou em diversos jornais da cidade como a Pacotilha/Globo, Diário do Norte, Jornal do Dia de Bolso, e atualmente é cronista do jornal O Estado do Maranhão.

Foi funcionário da TV Educativa do Maranhão (1969-1995) onde exerceu as funções de professor de TV, diretor de programas e produtor de programas culturais. Ubiratan Teixeira foi um dos principais ficcionistas maranhenses, cuja obra retrata a sociedade maranhense de forma irônica.

Foi dramaturgo, diretor de teatro, além de contista, cronista, novelista, romancista, pesquisador, crítico de arte, professor, jornalista e Membro da Academia Maranhense de Letras, ocupou a cadeira nº 36.

texto extraído do site: [História do teatro Maranhense](#)

Vela ao crucificado



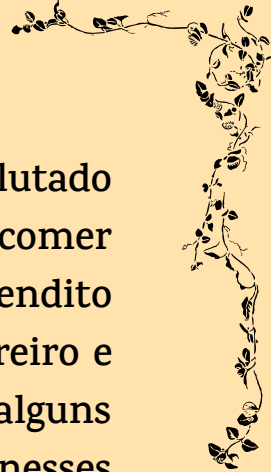
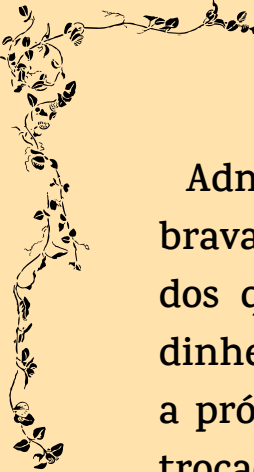
A vela barata desmanchava se rápida, numa consumação que nada tinha de piedade ou de amor. Intranquilo, ele recomendava à mulher a todo instante, voz suave e quente: - Uma de cada vez... apenas uma. Elas são frágeis, mas aguentarão até o amanhecer.

Ele não sentia falta dos colegas nem dava importância à indiferença dos parentes ao fato. A bem dizer, a ausência de todos o deixava com mais conforto e paz de espírito. Também não lhe faziam falta as alcoviteiras da vizinhança, que frequentavam os velórios, tecendo orações e cerzindo intrigas. O dinheiro regrado e a falta de um caixão para o morto não o afligiam tampouco. Sofreria era se o pacote de valas não durasse até à hora do enterro. Guardara de criança notícia sobre a danação das almas sem luz, errantes ao léu, sem direito a pouso e sem destino e isso o angustiava, acentuando-lhe a ruga entre os olhos. E se chegasse a acontecer ficaria profundamente amargurado para o resto de sua vida.

- Mas, Luciano, tu não te mexes, homem? Tu não vais mesmo fazer nada para que o coitado tenha um enterro decente?

Olhou para a mulher consumida pela fome. As tēmporas começando a pratear, embora só tivesse vinte e seis anos. Murchava com o passar dos dias, concretava-se e ia sendo envolvida por uma espécie de couraçada apergaminhada e baça.

- E o que posso fazer, Clar, diz só! Que é que eu posso fazer?



Admitia já ter feito tudo o que estava a seu alcance; lutado bravamente pelo tal do enterro decente, mal tendo para o de comer dos que gravitavam à sua volta. Onde iria encontrar esse bendito dinheiro? O diretor da repartição, onde servia de vigia, o tesoureiro e a própria repartição alegavam dificuldades para lhe adiantar alguns trocados. Foi o chefe de seu setor, homem experiente e sábio nesses assuntos, que lhe deu a informação precisa:

– Um funeral, seu Luciano, é coisa cara. E não será com essa listinha corrida de carteira em carteira ou de casa em casa, na rua de sua casa, que o senhor vai conseguir enterrar esse menino.

– Mas, Doutor, eu não estou pedindo esmola – argumentou com o Diretor.


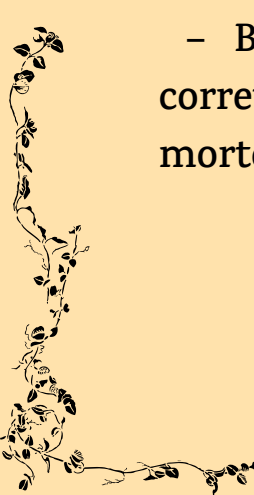
– Ah! Não?

– Não. O que eu quero é que me emprestem ou me adiantem o meu salário! É verdade que não vou poder pagar tudo de uma vez; mas vou pagando.

– É muito descaramento. Ora, ora, ora! Quer dizer então que o senhor acha que vai encontrar alguém para lhe meter tanto dinheiro assim de repente e de graça em suas mãos?

E deixou a sala batendo a porta com violência, mas ainda escutou o homem gritando um desaforo acrescido da ameaça:

– Boçal! Ignorante! Qualquer dia desses acabo dando o maior corretivo funcional nesse imbecil. E depois, o que é que temos com a morte do filho dele?



Agora estava a mulher ali, impassível, implorando por um enterro decente. E bem à vista, logo atrás, o outro, o mais velho, olhando gulosamente para o cadáver do irmão. Coisa de alguns meses para trás ele tinha sido o mais belo garoto do bairro, os cabelos de um loiro encardido enfeitando-lhe a testa como uma luminosa auréola de ouro. Agora, minado pela tuberculose, vomitando de instante a instante pedaços de seus pulmões, dando a impressão de que ia sendo sugado pela terra. Mas que, no meio de sua tristeza e morte, brotava de vez em quando um canto de estranhas canções de amor.



“Onde será que esse menino aprende essas cantigas” – pensava frequentemente. “Clar...”, sentiu vontade de começar um discurso infinito e impessoal. Palavras sem sentido, que fossem, sem nexos, mas que justificasse aquela ausência de medo na solidão em que viviam, aquela sensação gaiata de frustração. “Será que lhe devo explicar, ao meu modo, os mistérios da morte, assim como penso a solidez da morte e a certeza que alimento sobre uma vida extra corporal, será? O verdadeiro único objetivo de viver?” Mas sabia de antemão que, preocupada como estava com a decência do enterro da criança, ela nem lhe daria atenção. Que ela sofria resignada com mais aquele ciclo de vexames e humilhações. “Clarice.” Sentiu também um desejo quase irrefreável de gritar-lhe coisas dolorosas, de espancá-la rudemente, de socá-la até ver o sangue espirrar, para depois pedir-lhe perdão e juntos, então, chorarem a morte da criança.

Agora estava a mulher ali, impassível, pedindo por um enterro decente enquanto nele brotava uma quase necessidade de começar um discurso infinito e impessoal.

– Clarice, enxota essa barata de cima dele, falou mansamente.

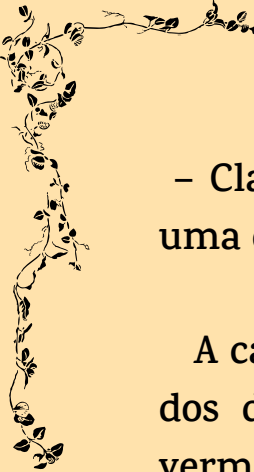
- Qualquer dia desses, elas vão acabar devorando todos nós - sussurrou a mulher. - Rara é a manhã que não acordo com os cantos dos dedos pinicados.

- Mas você também nem liga de enxotá-las! Um bicho desses não é mais perigos que os ratos; só que aperreia muito mais com a vida da gente.

- Elas são é nojentas, isso sim! Você já reparou de onde vêm? Xô, barata.

E o inseto correu mais um pouco pelo rosto frio da criança voando em seguida com um zumbido enervante para qualquer lugar do aposento. Elas enxameavam por toda parte, escondiam-se durante o dia para voltarem alvoroçadas tão logo o sol sumisse, jugando-se contra as coisas, caindo nas vasilhas, emporcalhando as comidas, numa algazarra fervilhante que os deixava sem ânimo. E a identificação inseto-gente ia sendo feita com tranquilidade e plácida aceitação.

Nem Clarice nem Luciano matavam as baratas. Enxotavam delicadamente umas e outras que disputavam harmoniosamente os espaços, os alimentos, os cômodos. Apenas o bebezinho e quem destruía as baratas, espocando-as sobre seus delicados pezinhos, triturando-as sem piedade quantas lhe caíssem ao alcance do calcanhar, ou mesmo mordendo aquelas coisas ácidas e gordurosas, com sua boquinha ainda sem dentes. Mas agora estava ali sem vida, morto por uma doença estranha e sem diagnóstico, que lhe devorou as entranhas em menos de uma semana. E os bichos, então, como querendo vingar-se, corriam desatinadamente sobre o seu cadáver, roendo suas pestanas, tentando penetrá-lo pelas narinas e, sem que ninguém percebesse, estavam cavando pelo ânus um túnel para o interior das vísceras.



– Clarice. Acho que devias rezar um pouco enquanto vou lá fora dá uma espiada. Reza e toma cuidado para que a vela não se apague.


A casa deles já tinha um sabor permanente de velório. Sendo hábito dos dois ficarem parados um em frente ao outro, vencidos pelos vermes e pela fome, tranquilos e opacos como uma poça estagnada, sem nada pensando, olhar vago e impreciso. O filho morrera assim como nascera, sem cuidados especiais ou qualquer tipo de comentário, despejando golfadas de um líquido vermelho-violeta.

– Penso que ele está morrendo, Luciano. – Foi a observação dela a certa altura da tarde anterior.

– É. Está. – Conformou ele. – Vou ver se tiro umas velas na quitanda ali da esquina.

Agora aproveita os minutos, que ainda lhe faltam para levar o cadáver para o cemitério, caminhando um pouco pela rua deserta. A umidade da madrugada provocou-lhe uma estranha reação de febre e arrepios pelo corpo escaveirado; e, pela primeira vez em muitos anos, voltava a contemplar um nascer de sol.

Errante e sem rumo, andava. Por onde, não importava: estava no ambiente doméstico de seu próprio bairro. Afundava os pés descalços na areia fria, aspirava o ar puro com sofreguidão, prestava atenção ao canto dos galos e aos menores ruídos daquela madrugada. Andou bastante; vagabundo sem rotas, o andarilho encalhado. Afastava-se da morte do menino tuberculoso, das baratas, da mulher ausente de seu próprio corpo que ficara velando o do próprio filho contra aqueles bichos pusilânimes que o podiam devorar a qualquer instante, era só deixá-lo sem proteção.



E ela aproveitou a ausência dele para se consolar e chorar.

- Mamãe, a senhora sabe chorar?! - Perguntou o vivo, admirado.
- Não. Não é preciso chorar. É que estou cansada; só isso.

Falava sem nenhuma convicção sobre o que dizia enquanto as lágrimas escorriam fartas pelo seu rosto encardido e magro.

- Não é nada, meu filho. É uma coisa apenas, escutou? Apenas uma coisa. Cansaço, só isso! Besteira; ainda não dormi hoje.

Seu corpo fora rijo e espigado algum dia. Mesmo assim como está, curtido pela dor e pelo medo, ainda dá impressão de segurança. Um fino esteio desses que o viajante sente que pode armar sua rede.



- Mamãe, e eu?
- Quem pode saber? Todos vamos um dia; mais cedo ou mais tarde, vamos; apenas ninguém sabe quando, nem como.

O menino começou com outro daqueles constantes ataques de tosse que terminavam sempre com um vômito vasto de gosma e sangue, um som rouco vindo lá do fundo do mirrado tórax e respiração sufocada.

- Vai vomitar lá fora, vai!

Enquanto ele saía, ela comprimia o ventre violentamente contra o tampo da mesa onde o morto repousava, pensando na maldição que pesava sobre seu útero:

“Parece até que foi coisa, meu Deus. Parece que ele está infeccionado e só gera podridões. Logo depois irá o outro tão depressa assim que o capim cresça sobre a sepultura deste, o mesmo devendo acontecer com o que aqui está sendo gerado.”

De repente pensou que só na sua morte deveria estar a solução para essa forma de maldição de só produzir criaturas condenadas. E que morrendo, todos esses gerados de si não sofreriam nas labaredas da purgação nem se acabariam daquela forma tão dolorosa.

Pensou então em suicídio, em transposições, num sumiço radical e começou a chorar convulsivamente, humanamente frágil, caindo de joelhos diante do morto, numa oração sem fim e sem remorsos. Chorou enquanto pôde, enquanto teve fôlego, enquanto teve força e lágrima, gemendo dolorosamente todas as dores passadas que haviam sido sufocadas ou mortalmente retidas. Chorou o tempo inteiro que durou a prece, uma prece alucinadamente humana. Quando levantou a vista, olhos ainda úmidos, viu que as baratas fervilhavam sobre o rosto da criança, cobrindo com aquele brilho pegajoso de cascas pardas, coleante e úmido.

Apavorada, jogou-se sobre os bichos, uivando de dor.

– Xô, desgraçadas... Xô... Não comam ele, que o coitado não tem culpa de nada. Sumam daqui, suas pestes... Desgraçadas... Infelizes... Larguem meu filhinho...

E rolou pelo chão, abraçado ao cadáver da criança, chorando dolorosamente:

– Meu filho... Meu filhinho adorado... Minha flor...





E o homem havia voltado com uma flor lilás, colhida no mato, ficando perplexo diante daquele quadro: a mulher abraçada ao morto e o tuberculoso ali, com o ar ausente, cantando uma daquelas canções estranhas.

– Clarice...

– Oh, Luciano. Luciano, meu velho, não suportei as baratas, – falava chorando, agora abraçada ao marido. – Elas queriam comer nosso filho, – dizia lavada no pranto, a voz aos arrancos. – Vamos embora daqui, vamos! Esses bichos parecem que compreendem a gente; eles escutam a gente. Eles é que estão matando as crianças e todos nós... Quer ver, escuta! Parece que estão rindo de mim!...

E ficaram abraçados por algum tempo, ele sentindo as lágrimas da mulher escorrendo fartas pelo seu peito desnudo. E quando notou que ela estava mais calma, falou manso, então:

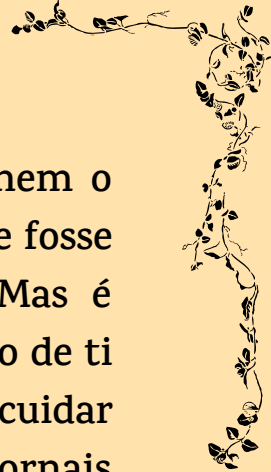
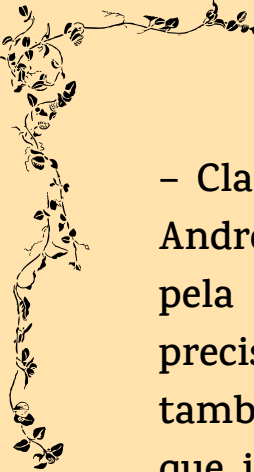
– Já deu seis horas. Daqui a meia hora vou andando.

– E ele vai assim mesmo?

– Trouxe uma flor para enfiar na cova. Irei rezando o tempo todo. Tu ficas.

Ajuntou o cadáver e o colocou de novo sobre a mesa. Através das pálpebras transparentes da criança, parecia ver-lhe os olhos sem brilho. Acendeu outra vela, a última, enquanto ela falava:

– Luciano, não quero me envolver. Mas tu achas que é mesmo justo a criança ter um enterro dessa natureza? O fim dele já não foi muito decente... agora o enterro...



- Clarice, esse negócio de decência... se fosse do meu desejo, nem o André e nem o Carlos, que está aí se aniquilando, morreriam. Se fosse pela minha vontade eu não enterraria nenhum de vocês. Mas é preciso que tudo isso se acabe logo e que até o que aí está dentro de ti também morra para que eu possa me acabar também. Vamos cuidar que já está ficando tarde. Arranja uma toalha limpa e uns jornais velhos, desses que guardas para acender fogo. Deixa que eu vá andando enquanto o sol não fica muito alto.

E foi para o quintal lavar o rosto e sacudir água na boca, enquanto a mulher escolhia o pano mais limpo para enrolar o defunto. Tossindo e gemendo baixinho, o outro filho olhava os preparativos para o funeral. A criança morta ainda era bem pequena e a doença a encolhera muito mais. O pacote iria ficar miúdo, fácil de ser transportado, frágil de peso.

- Mamãe, quando eu morrer vou também assim como André?

- Não sei.

- Papai não vai ter força para me carregar. Já tou mais grande, não é mesmo? E deve ser longe o lugar para onde a gente vai.

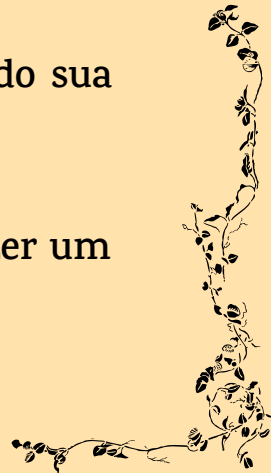
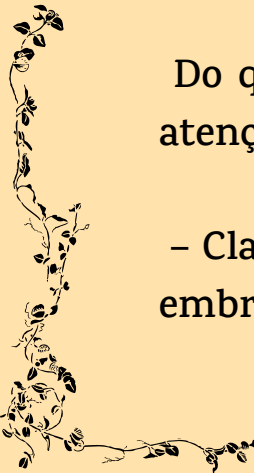
- Menino, vai te deitar. Tu não dormiu nada desde ontem à noite. Cuida, vai.

- Eu queria ver o André ir se embora; deixa!...

- Danado, não me aperreia mais ainda!

Do quintal chegou a voz do marido, clara e segura, diminuindo sua atenção:

- Clar, deixa que eu faço o pacote, que tu nunca aprendeste fazer um embrulho bem acabado.



E voltava respingando água sobre tudo, os cabelos empapados, o tronco nu, descarnado e ligeiramente encardido, mas de bom aspecto. Não obstante a vida de privações que levava, Luciano nunca perdera aquela virilidade do sertanejo acostumado a comer uma só vez ao dia e a filhar sua fêmea no cio, chances quantas tivesse. Ela admitia a parceira sem tanto apetite sexual; mas não deixava de se excitar quando sentia seus músculos ainda rijos apertando-lhe o colo ou simplesmente tocando-lhe os quadris.

– A água tá fria... deixa que eu faço o pacote.

– Taí.

– Sei que é triste; também sinto. Mas não podemos fazer mais do que isso. Hoje em dia ninguém tem amor por ninguém: é só no cartaz da propaganda. Pois é: ninguém se compadece de ninguém. É mais uma desgraça mas não se pode ficar com ele o tempo todo. Vai acabar apodrecendo então vai ser muito pior.

– Acho que aguentava... Não sei.

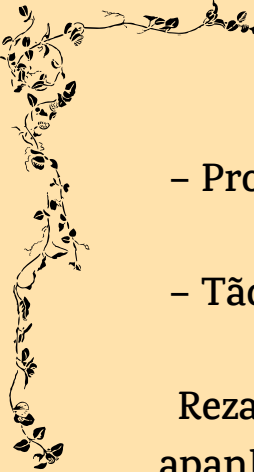
– Fica fria que eu mesmo o levarei com o maior carinho até a cova. Não vou deixar que fique parecendo lixo que a gente joga no monturo. O final vai ser decente, te prometo.

– Faz isso para mim, Luciano, faz!

– Farei.

Começou então a enrolar a criança. Primeiro com o pano, meticulosamente, depois com os jornais. Fez um pacote perfeito e passou os cordões. “Assim está bem”, – pensou. E para a mulher escutar:





- Pronto: não ficou decente?

- Tão decente como se fosse um caixão de milionário.

Rezaram juntos um Padre-Nosso e uma Ave-Maria e na saída ele apanhou o toco de vela que ainda ardia:

- Vou levá-la para acender sobre a cova.

Sentiu-se, então, como se estivesse sendo tragado para o solo, parecia que o morto, de repente, aumentava de peso e volume.

“Creio que vá bem assim” – Murmurou para si, persignando-se com mão desocupada.


- E pode almoçar que não vou voltar logo. Ainda tem arroz e feijão no pitisqueiro. Depois do cemitério vou até a repartição e talvez não volte muito cedo.

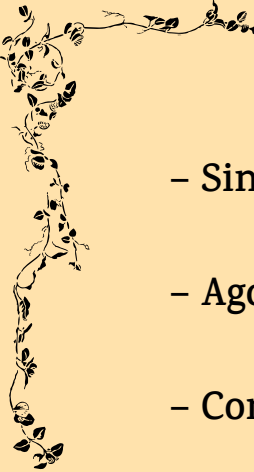
A rua naquele momento estava movimentada. Estudantes e operários que perderam a hora, andavam afobados em direção às paradas de ônibus.

Luciano caminhava sem muito esforço, o fardinho debaixo do braço e na outra mão a vela e a flor que principiava a murchar. Numa das janelas, mais adiante, surgiu uma velha perguntando-lhe pela hora do enterro:

- O senhor sabe: a idade me priva desse dever cristão de ir a velórios. Não posso mais fazer quarto. Mas ao enterro, vou. Tem automóvel, não tem? Vai ser que hora?

- Tá sendo agora, dona Firmina.





- Sim. Mas que hora?

- Agora.

- Como? - Insistia a mulher.

- Agora. Neste instante; não está vendo? Já vou levando ele aqui.

- Como é que é - ganiu a mulher desesperada. - Quer dizer, então, que isso aí que o senhor tá levando é o Andrezinho?

- É. - Confirmou num sopro de voz.

A velha correu de onde estava, da janela para a porta da rua, urrando como uma possessa, insultando, querendo agredir:

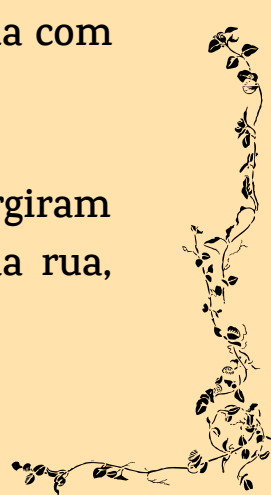
- Quer dizer, então, que essa trouxa aí, que o senhor vai levando debaixo do sovaco, não é roupa suja? É mesmo um cristãozinho? É a criança? O senhor é um desgraçado; Clarice é uma cadela danada. Seu demônio, seu excomungado, seu miserável peçonhento, seu porco imundo!...

E virando-se para o outro lado da rua, ganiu mais forte, os braços magros apontando para o alto:

- Assassinos; criminosos sem alma. O fogo do inferno vai lhes comer até os ossos, bando de desgraçados sem entranhas...

Luciano continuava sua caminhada sem se abalar. Tranquilo ia com seu enterro particular: sereno e impassível.

Mas o alarido da velha chamou a atenção dos vizinhos que surgiram nas janelas, nas portas ou iam acintosamente para o meio da rua, blasfemando, xingando, provocando.



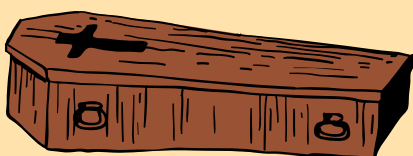
E ele firme, em frente, nem uma lágrima, sem qualquer gesto.

Na porta de sua casa, lá para trás, a mulher e o filho tuberculoso assistiam àquele homem calmo, seguro de si, caminhando firmemente por entre as imprecações.

– Sujeito maldito; tua alma vai danar no inferno, filho de uma desgraçada.

Contornava as poças de lama sem nenhuma pressa, meticuloso, sempre em frente, sem se voltar:

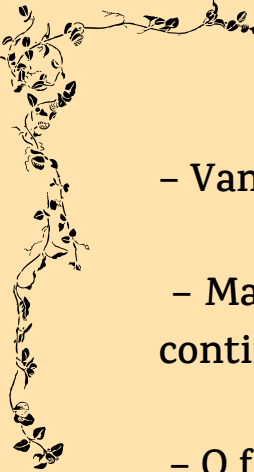
– Infeliz! Vai meter essa criança no caixão senão tua alma vai danar sem sossego pela eternidade.



O caixão. Sempre aquele maldito caixão. Por causa de um reles envoltório. Começou a rezar. Primeiro aquelas trivialidades de todos os dias passando para uma ladainha sem começo nem fim. Até mesmo sem nexos, só ritmo e palavras soltas, encomendando a alma do filhinho a Deus, pedindo perdão pelas suas próprias culpas, que o falecido estava isento delas. “Concedei-me o perdão necessário para que ele possa conviver com os anjos da salvação.

– Filho de uma puta canina, tu vais voltar agora mesmo para a maldita daquela tua casa, e fazer nem que seja uma caixa de tábua para enterrar esse garoto – rugiu junto de sua face um homem.

Olhou o grupo que se fechava a sua volta, homens e mulheres que o ameaçavam raivosamente. Um moleque mais afoito atirou a pedra que se chocou com violência contra seu peito, o baque surdo e cavo trouxe-lhe à realidade do que estava acontecendo, libertando daquele torpor suave o macho roído pela miséria e fome.



- Vamos parar, sim? – Falou manso.

- Mas tu vais voltar. – Repetiu o homem. – O enterro desse jeito não continua; daqui não passa.

- O filho é meu e vou enterrar como bem achar.

- Mas não esse. Tu vais voltar e vais dar um jeito no caixão.

- Vocês querem saber mesmo de uma coisa? Mato agora mesmo o primeiro sacana que ao menos falar comigo, neste momento.

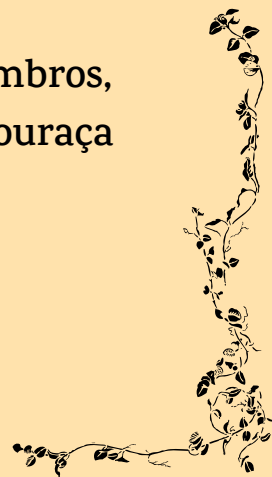
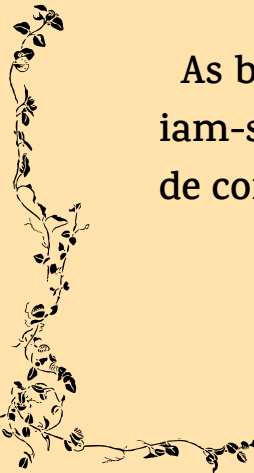
E juntando uma enorme pedra, subjuguou o pacote debaixo do sôco e avançou contra aquela muralha hostil.

Pedra e mão solidárias uniam-se num bloco, único e mortal; e o embrulho justo no corpo, parecia ancorar-lhe o flanco. olhava sereno e frio aqueles rostos também sofridos e avançava sem medo, resoluto, pensando. Apenas pensando: “Vocês nada têm que ver” com minha vida. Ela é minha. Só minha e de Clarice com as crianças; e este é um caso meu, só meu.” E caminhava seguro para o centro daquele círculo que ia se fendendo, deixando ver livre o resto da rua onde tomaria bem mais lá acima o transporte que o deixaria próximo ao cemitério.

- Deixa ele passar. – Gritou alguém, voz rouca e fanha. – Deixa passar senão é capaz mesmo de matar...

- Passa, cão coxo, passa, porco de merda...

As blasfêmias, os pesados insultos iam-lhe pesando sobre os ombros, iam-se acumulando na testa, dando-lhe a impressão que uma couraça de coisa odiosa ia crescendo em volta de seu mirrado corpo.



Quando se sentiu livre daquelas pessoas, mesmo escutando ainda os assobios e as imprecações, abraçou-se ao cadáver como se fosse seu próprio corpo e sentiu que talvez desmaiasse.

Os ombros estalavam sob um incrível peso invisível como se em lugar de um frágil cadáver, carregasse uma cruz de ferro. E que a cruz crescia mais e mais em tamanho e peso enquanto ele retornava às orações desconexas: “Senhor, meu Deus, Pai e meu feitor em Cristo, dai-me forças para que eu suporte este peso com dignidade.”

Quando chegou ao cemitério, estava encharcado de suor, entregou os documentos do morto e ele mesmo levou o pacote até a cova, sem dizer nada, sem responder às perguntas. Depois de colocar a flor sobre o montinho de terra, conseguiu com muita dificuldade acender o toco de vela e disse adeus ao filho.

